

Universidade Federal de Santa Catarina

Programa de Pós-Graduação em Serviço Social

I. IDENTIFICAÇÃO

Disciplinas: Governamentalidade, biopoder e individualização social (SSO 410034) e Tópicos Especiais em Direitos Humanos (SSO410040)

Professora Dra. Simone Sobral Sampaio

Semestre: 2019/1

II. EMENTA

A genealogia do poder/saber em Foucault. Corpo e biopoder. Biopolítica da população. Biopoder, subjetivação e individualização. Biopoder e fabricação do indivíduo moderno.

III. OBJETIVOS

A disciplina tem por objetivo apresentar e analisar o conceito de Biopoder de Michel Foucault e suas formulações desde o poder medical, a segurança, a economia, o dispositivo da sexualidade. Em particular, procura-se proporcionar aos participantes um quadro para a análise das dimensões biopolítica da problemática da governamentalidade, e suas conexões com os dispositivos de poder/saber que participam na fabricação do indivíduo moderno. Tem como objetivo, também, apresentar os usos da analítica foucaultiana sobre o biopoder.

IV. CONTEÚDO BÁSICO

- 1. A genealogia do poder/saber em Michel Foucault. Continuidade e rupturas teórico-epistemológicas com algumas tradições da teoria social clássica e contemporânea.** [data: 22 e 29 de março].

"Ora, o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma "apropriação", mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo antes a batalha perpétua do que o contrato que faz uma cessão ou a conquista que se apodera de um domínio. Temos em suma que admitir que esse poder se exerce mais que se possui, que não é o "privilégio" adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas – efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados. Esse poder, por outro lado, não se aplica pura e simplesmente como uma obrigação ou uma proibição, aos que "não tem"; ele investe, passa por eles e através deles; apoia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apoiam-se por sua vez nos pontos em que ele os

alcança. [...] Finalmente, não são unívocas; definem inúmeros pontos de luta, foco de instabilidade comportando cada um de seus riscos de conflito, de lutas e de inversão pelo menos transitória da relação de forças".(FOUCAULT, Vigiar e Punir).

Bibliografia:

MACHADO, Roberto (Org.). Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012. p. 7-34.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976), (trad. de Maria Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 2000. (aula 14/jan/1976)

2. A emergência do termo Biopoder. O corpo é uma realidade biopolítica. O poder medical. Estado e Medicina, séc. XVII. [data: 05 de abril].

Bibliografia:

FOUCAULT, M. Crise da Medicina ou crise da antimedicina.

<https://revistas.pucsp.br/verve/article/view/8646/6432>

FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 25. ed. São Paulo: Graal, 1993. p. 79-98.

FOUCAULT, M. Crise de la médecine ou crise de l'antimédecine. Texto 170 [1974]. In: Dits et écrits 3, p.40

FOUCAULT, M. La naissance de la médecine social. Texto 196 [1974]. In: Dits et écrits 3, p.207.

3. Política e Guerra. Biopolítica e a noção de raça biológica. [data: 12 e 26 de abril].

"Nesse momento, a temática racista não vai mais parecer ser o instrumento de luta de um grupo social contra um outro, mas vai servir à estratégia global dos conservadorismos sociais. Aparece nesse momento [...] um racismo de Estado: um racismo que uma sociedade vai exercer sobre ela mesma, sobre seus próprios elementos, sobre os seus próprios produtos; um racismo interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social".

"O racismo será desenvolvido, em primeiro lugar, com a colonização, isto é, com o genocídio colonizador".

"[...] tirar a vida, o imperativo da morte, só é admissível, no sistema de biopoder, se tende não à vitória sobre os adversários políticos, mas à eliminação do perigo biológico e ao fortalecimento, diretamente ligado a essa eliminação, da própria espécie ou da raça".

"Em linhas gerais, o racismo, acho eu, assegura a função de morte na economia do biopoder, segundo o princípio de que a morte dos outros é o fortalecimento biológico da própria pessoa na medida em que ela é membro de uma raça ou de uma população, na medida em que se é elemento numa pluralidade unitária e viva. Vocês estão vendo que aí estamos, no fundo, muito longe de um racismo que seria, simples e tradicionalmente, desprezo ou ódio das raças umas pelas outras. Também estamos muito longe de um racismo que seria uma espécie de operação ideológica pela qual os Estados, ou uma classe, tentaria desviar para um adversário mítico hostilidades que estariam voltadas para [eles] ou agitariam o corpo social. Eu creio que é muito mais profundo do que uma velha tradição, muito mais profundo do que uma nova ideologia, e outra coisa. A especificidade do racismo moderno, o que faz sua especificidade, não está ligado a mentalidades, a ideologias, a mentiras do poder. Está ligado a técnica do poder, a tecnologia do poder. Está ligado a isto que nos coloca, longe da guerra das raças e dessa inteligibilidade da história, num mecanismo que permite ao biopoder exercer-se. Portanto, o racismo é ligado ao funcionamento de um Estado que é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças e a purificação da raça para exercer seu poder soberano. A justaposição, ou melhor, o funcionamento, através do biopoder, do velho poder soberano do direito de morte implica o funcionamento, a introdução e a ativação do racismo. E é aí, creio eu, que efetivamente ele se enraíza."

Bibliografia:

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976), (trad. de Maria Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 1999 [aula de 17 de março de 1976; Situação do Curso].

<http://petdireito.ufsc.br/wp-content/uploads/2016/05/Foucalut-M.-Em-defesa-da-sociedade.pdf>

4. Biopolítica. O dispositivo da sexualidade. [data: 03 e 10 de maio].

"Este bio-poder, sem a menor dúvida, foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos. Mas, o capitalismo exigiu mais do que isso; foi-lhe necessário o crescimento tanto de seu reforço quanto de sua utilizabilidade e sua docilidade; foram-lhe necessários métodos de poder capazes de majorar as forças, as aptidões, a vida em geral, sem por isto torná-las mais difíceis de sujeitar; se o desenvolvimento dos grandes aparelhos de Estado, como instituições de poder, garantiu a manutenção das relações de produção, os rudimentos de anátomo e de bio-política, inventados no século XVIII como técnicas de poder presentes em todos os níveis do corpo social e utilizadas por instituições bem diversas (a família, o Exército, a escola, a polícia, a medicina individual ou a administração das coletividades), agiram no nível dos processos econômicos, do seu desenrolar, das forças que estão em ação em tais processos e os sustentam; operaram, também, como fatores de segregação e de hierarquização social, agindo sobre as forças respectivas tanto de uns como de outros, garantindo relações de dominação e efeitos de hegemonia; o ajustamento da acumulação dos homens à do capital, a articulação do crescimento dos grupos humanos à expansão das forças produtivas e a repartição diferencial do lucro, foram, em parte, tornados possíveis pelo exercício do bio-poder com suas formas e procedimentos múltiplos".

Bibliografia:

Foucault, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979. [capítulo V: Direito de morte e poder sobre a vida].

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod_resource/content/1/História-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf

5. Biopolítica como dispositivo de Segurança. O Estado e a emergência da população como problema político. Normalização e individualização. Uma história da governamentalidade. [data: 17 e 24 de maio].

“(...) o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder” .

“Por esta palavra, governamentalidade, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por governamentalidade entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de “governo” sobre todos os outros – soberania, disciplina – e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e, por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes. Enfim, por governamentalidade, creio que se deveria entender o processo, ou antes, o resultado do processo pelo qual o Estado da justiça da Idade Média, que nos séculos XV e XVI se tornou o Estado administrativo, viu-se pouco a pouco governamentalizado”.

"O conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. [...] Por “governamentalidade” entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de “governo” sobre todos os outros – soberania, disciplina – e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e, por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes. Enfim, por “governamentalidade”, creio que se deveria entender o processo, ou antes, o resultado do processo pelo qual o Estado de justiça da Idade Média, que nos séculos XV e XVI se tornou o Estado administrativo, viu-se pouco a pouco “governamentalizado”."

Bibliografia:

FOUCAULT, Michel. Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008 (Coleção tópicos).

[Aulas de 11 de janeiro de 1978, de 18 de janeiro de 1978, de 25 de janeiro de 1978 e Resumo do curso]

<https://projeto-phronesis.files.wordpress.com/2009/08/foucault-michel-seguranca-territorio-populacao-curso-no-college-de-france.pdf>

SENELLART, Michel. Situação dos Cursos. In: **Segurança, Território e População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a. 570 p. (Coleção Tópicos).

6. **Biopolítica. Governamentalidade liberal e neoliberal.** [data: 17 e 24 de maio].

"[...] a busca do seu princípio de autolimitação, é uma razão que funciona com base no interesse. Mas esse interesse já não é, evidentemente, o do Estado inteiramente referido a si mesmo e que visa tão-somente seu crescimento, sua riqueza, sua população, sua força, como era o caso na razão de Estado. Agora, o interesse a cujo princípio a razão governamental deve obedecer são interesses, é um jogo complexo entre os interesses individuais e coletivos, a utilidade social e o benefício econômico, entre o equilíbrio do mercado e o regime do poder público, é um jogo complexo entre direitos fundamentais e independência dos governados. O governo, em todo caso o governo dessa nova razão governamental, é algo que manipula interesses."

"A sociedade regulada com base no mercado em que pensam os neoliberais é uma sociedade na qual o que deve constituir o princípio regulador não é tanto a troca das mercadorias quanto os mecanismos da concorrência. São esses mecanismos que devem ter o máximo de superfície e de espessura possível, que também devem ocupar o maior volume possível na sociedade. Vale dizer que o que se procura obter não é uma sociedade submetida ao efeito-mercadoria, é uma sociedade submetida à dinâmica concorrencial. Não uma sociedade de supermercado - uma sociedade empresarial. O *homo oeconomicus* que se quer reconstituir não é o homem da troca, não é o homem consumidor, é o homem da empresa e da produção."

"No neoliberalismo - e ele não esconde, ele proclama isso -, também vai-se encontrar uma teoria do *homo oeconomicus*, mas o *homo oeconomicus*, aqui, não é em absoluto um parceiro da troca. O *homo oeconomicus* é um empresário, é um empresário de si mesmo. Essa coisa é tão verdadeira que, praticamente, o objeto de todas as análises que fazem os neoliberais será substituir, a cada instante, o *homo oeconomicus* parceiro da troca por um *homo oeconomicus* empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda."

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica:** curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008b. 475 p. (Coleção Tópicos).
[Aulas de 17 de janeiro, de 7 e 14 de março de 1979 e Resumo do curso]

7. Neoliberalismo, tecnologias biopolíticas e produção da subjetividade. [data: 31 de maio e 07, 14 e 28 de junho].

“Meu discurso é evidentemente um discurso de intelectual e, como tal, ele funciona nas redes de poder estabelecido. Um livro, porém, é feito para servir aos usos não definidos por aquele que o escreveu. Quanto mais houver usos novos, possíveis, imprevistos, mas eu ficarei contente. Todos os meus livros, [...] são, se quiserem, pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas quiserem abri-los, servir-se de tal frase, tal ideia, tal análise, como se servem de uma chave de fenda ou de um alicate para curto-circuitar, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive eventualmente os mesmos dos quais meus livros surgiram... pois bem, melhor ainda!”

MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: ed. N-1, 2018.

FREDERICI, Silvia. Coletivo Sycorax. Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo : Editora Elefante.

LAZZARATO, M. O Governo do Homem Endividado. Editora N-1, 2017.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre o neoliberalismo. São Paulo: Boitempo, 2016.

V. METODOLOGIA

Consistirá na utilização de exposições docente e seminários com apresentação de textos por parte discente. (seminários : 05 e 12 de julho).

Pelo calendário acadêmico totalizam 15 encontros de quatro horas/semanais.

VI. AVALIAÇÃO

A avaliação segue as normas estabelecidas no regimento do Curso.

A apresentação de um artigo sobre tema selecionado a partir do conteúdo programático e da bibliografia de referência.

A avaliação inclui a exigência de comparecimento regular às sessões, cumprimento das leituras obrigatórias e participação nos seminários de discussão de textos selecionados.

Atividades de responsabilidade docente: Aulas expositivas, coordenação dos seminários e orientação de leituras.

VII. BIBLIOGRAFIA

Principais títulos:

FOUCAULT, M. Crise de la médecine ou crise de l' antimédecine. Texto 170 [1974]. In: Dits et écrits 3, p.40

FOUCAULT, M. La naissance de la médecine social. Texto 196 [1974]. In: Dits et écrits 3, p.207.

FOUCAULT, M. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2001. Disponível em: http://www.uacj.mx/DINNOVA/Documents/SABERES_Verano2011/foucault.pdf

FOUCAULT, Michael. O Sujeito e o Poder. In: RABINOW, P. DREYFUS, H. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **Genealogia del Racismo**. Argentina: Caronte Ensayos, 1998.

_____. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. / São Paulo: Martins Fontes, 1999: (Coleção Tópicos).

_____. **História da Sexualidade: I - A vontade de Saber**. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. 154 p. (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências).

_____. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU editora, 2003.

_____. **O Poder Psiquiátrico**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 513 p. (Tópicos).

_____. **Segurança, Território e População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 570 p. (Coleção Tópicos).

_____. **Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 475 p. (Coleção Tópicos).

_____. **Microfísica do Poder**. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012a. 433 p.

_____. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/121336/mod_resource/content/1/Foucault_Gerir%20os%20ilegalismos.pdf

Outros títulos relevantes :

- CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- Dardot, Pierre e Christian Laval, Christian. A NOVA RAZÃO DO MUNDO: ENSAIO SOBRE O NEOLIBERALISMO São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELEUZE, G. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DELEUZE, Giles. Prefácio: A ascensão do social. In: DONZELOT, J. **A Polícia das Famílias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1986.
- DIWAN, Pietra. **Raça Pura**: uma história da eugenia no Brasil e no mundo. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. 160 p.
- DOSSIER FOUCAULT. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, 1995.
- FARHI NETO, Leon. **Biopolíticas**: As formulações de Foucault. Florianópolis: Cidade Futura, 2010. 208 p.
- FREDERICI, Sílvia. **Coletivo Sycorax**. Calibã E A Bruxa: MULHERES, CORPO E ACUMULAÇÃO PRIMITIVA . São Paulo : Editora Elefante,
- GROS, Frédéric. Le prince Sécurité. Paris : Éditions Gallimard, 2012.
- GROS, Frédéric. Foucault, Philosophie. Anthologie. Paris : Gallimard, 2004
- Imagens de Foucault e Deleuze : ressonâncias nietzchianas /Margareth Rago, Luiz B. Lacerda Orlandi, Alfredo Veiga-Neto (orgs). Rio de Janeiro: DP&A, 2002
- HONNETH, A. Foucault et Adorno: deux formes d'une critique de la modernité. Critique, 471 (2): 800-815.
- LAZZARATO, M. As revoluções do capitalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006 (A política no Império).
- LAZZARATO, M. O Governo do Homem Endividado. Editora N-1, 2017.
- MACHADO, R. Foucault, a ciência e o saber. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 3 ed revista e ampliada, 2006.
- MACHADO, R. Foucault, a filosofia e a literatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- MACHADO, Roberto (Org.). Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012. p. 7-34.
- Mbembe, Achille. Necropolítica. São Paulo: ed. N-1, 2018.
- NEGRI, A. Polizeiwissenschaft. In: Futur Antérieur. Paris: L'Harmanttan, 1990.

PIMENTEL FILHO, E.; Foucault: Da microfísica à biopolítica. Revista Aulas, Dossiê Foucault N. 3 – dezembro 2006/março 2007, pp. 1-22.

PORTOCARRERO, V. As ciências da vida. De Canguilhem a Foucault. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 2009.

RABINOW, P. Artificialidade e ilustração. Da Sociobiologia à Bio-sociabilidade. Novos Estudos, n. 31, 1991 p. 79-93.

RABINOW, Paul ; DREYFUS, Hubert L. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

RAJCHMAN, J. Foucault. A liberdade da filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

RANCIÈRE, J. Biopolitique ou politique? In: Multitudes, no1, mar/2000, França: ed. Exils.

Dossiê Foucault N. 3 – Margareth Rago e Adilton Luís dez 2006-mar 2007,

<http://www.unicamp.br/~aulas/numero3.htm>

ROLNIK, S. A vida na berlinda. O trabalho da multidão: império e resistências (orgs Pacheco; Cocco; Vaz) . Rio de Janeiro: Gryphus: Museu da República, 2002. pp. 109-120.

SAMPAIO, S. S. A liberdade como condição das relações de poder em Michel Foucault. Revista Katálysis (Impresso), v. 14, p. 222-229, 2011.

<http://www.scielo.br/pdf/rk/v14n2/09.pdf>

SAMPAIO, S. S. Biopoder, Trabalho e Valor. Lugar Comum (UFRJ), v. 31, p. 23-29, 2010.

http://uninomade.net/wp-content/files_mf/110410120814Biopoder%20trabalho%20e%20valor%20-%20Simone%20Sobral%20Sampaio.pdf

SAMPAIO, S. S . Resistências. Revista Aulas, v. 3, p. 1-25, 2007.
<http://www.unicamp.br/~aulas/pdf3/27.pdf>

SAMPAIO, S. S. Foucault e a Resistência. Goiânia: Editora da UFG, 2006. 144p .

DE OLIVEIRA, ROBSON ; **SAMPAIO, SIMONE SOBRAL** . Neoliberalismo e Biopoder: o indivíduo como empresa de si mesmo / Neoliberalism and Biopower: individual as a self-entrepreneur. TEXTOS & CONTEXTOS (PORTO ALEGRE), v. 17, p. 167, 2018.
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/fass/article/view/23483/17160>

SEHELLART, R. A crítica da razão governamental em Michel Foucault. *Tempo Social* (Revista de Sociologia da USP). São Paulo, v.7, n1-2,p.1-14,1995. 2007.

SEHELLART, Michel. Situação dos Cursos. In: **Segurança, Território e População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 570 p. (Coleção Tópicos).

VAZ, P. Um corpo com futuro. O trabalho da multidão: império e resistências (orgs Pacheco; Cocco; Vaz) . Rio de Janeiro: Gryphus: Museu da República, 2002. pp.120-146.

VEIGA-NETO, A. Coisas do governo ... Imagens de Foucault e Deleuze : ressonâncias nietzchianas /Margareth Rago, Luiz B. Lacerda Orlandi, Alfredo Veiga-Neto (orgs). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VEYNE, P. Como se escreve a história. Foucault revoluciona a história. Brasília: Ed.UNB, 1995.

VEYNE, P. Foucault, sa pensée, sa personne. Paris: éditions albin michel, 2008.

ANÁLISES BRASILEIRAS :

BERNARDES, Célia Regina Ody. **Racismo de Estado**: uma reflexão a partir da crítica da razão governamental de Michel Foucault. Curitiba: Juruá, 2013. 172 p.

BOARINI, M. L.; YAMAMOTO, O. Higienismo e eugenia: discursos que não envelhecem. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 13, n.1, p. 59-72. 2004.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: Cortiços e epidemias na Corte Imperial. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 290 p.

DIWAN, Pietra. **Raça Pura**: uma história da eugenia no Brasil e no mundo. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. 160 p.

DUCATTI, Ivan. A Eugenia no Brasil: uma pseudociência como suporte no trato da "questão social". In: **Temporalis**, Brasília (DF), ano 15, n. 30, jul./dez. 2015.

FERLA, Luis. **Feios, sujos e malvados sob medida**: a utopia médica do biodeterminismo, São Paulo (1920-1945). São Paulo: Alameda. 2009.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. **A medicalização da raça**: médicos, educadores e discurso eugênico. Campinas: Unicamp, 1994. 168 p. (Ciências Médicas).

ROMERO, Mariza. **Medicalização da Saúde e exclusão social**: São Paulo, 1889 - 1930. Bauru Sp: Edusc, 2002. 182 p. (Saúde & Sociedade).

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O Espetáculo das Raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 - 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 375 p.

SILVA, Renato da. O Laboratório de Biologia Infantil, 1935-1941: da medicina legal à assistência social. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, n.4, out-dez. 2011, p.1111-1130.

STEPAN, Nancy Leys. **"A Hora da Eugenia"**: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2005. 228 p. (História e Saúde).